

# A virada afetiva na Linguística Aplicada: movimentos e entrelaçamentos do poder das emoções no campo dos estudos da linguagem

*The affective turn in Applied Linguistics: movements and intertwinings of the power of emotions in the field of language studies*

**Adolfo Tanzi Neto**



[adolphotanzi@letras.ufrj.br](mailto:adolphotanzi@letras.ufrj.br)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Fernanda Coelho Liberali**



[fcliber@terra.com.br](mailto:fcliber@terra.com.br)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.

**Denise Cristina Kluge**



[denisekluge@letras.ufrj.br](mailto:denisekluge@letras.ufrj.br)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Christine Nicolaidés**



[christine.nicolaidés@gmail.com](mailto:christine.nicolaidés@gmail.com)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Yerko Muñoz-Salinas**



[ymunozsalinas@gmail.com](mailto:ymunozsalinas@gmail.com)

Universidad Santo Tomás, Chile.

Vivemos tempos em que as emoções e os afetos não podem mais ser compreendidos como elementos periféricos da experiência humana, muito menos relegados ao campo da subjetividade individual. Em vez disso, eles se impõem como forças centrais e constitutivas da ação, da linguagem, da aprendizagem e das relações sociais. É nessa direção que se inscreve a proposta deste volume temático da *The ESpecialist*, que se ancora na chamada “virada afetiva” na Linguística Aplicada (LA), para explorar seus desdobramentos teóricos, epistemológicos e políticos em diferentes contextos de pesquisa, ensino e formação.

A virada afetiva representa um marco de transição e expansão nas formas como concebemos os sujeitos, as práticas pedagógicas e os



10.23925/2318-7115.2025v46i1e72001



## FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 16/11/2024

Aprovação do trabalho: 02/04/2025

Publicação do trabalho: 11/06/2025

## EDITADO POR:

André Effgen de Aguiar (Ifes)

## COMO CITAR:

TANZI NETO, A.; LIBERALI, F. C. .; KLUGE, D. C. .; NICOLAIDES, C.; MUNÓZ-SALINAS, Y. A virada afetiva na Linguística Aplicada: movimentos e entrelaçamentos do poder das emoções no campo dos estudos da linguagem. *The ESpecialist*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 407–411, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e72001.

Distribuído sob Licença Creative Commons



fenômenos linguísticos. Mais do que uma nova área de investigação, trata-se de um reposicionamento crítico frente à tradição logocêntrica, racionalista e dicotômica que por séculos fragmentou razão e emoção, corpo e mente, linguagem e afeto. Ao contrário, os estudos aqui reunidos mostram que não há cognição sem afeto, nem linguagem sem emoção – e que toda prática discursiva está imersa em relações afetivas que a constituem.

Essa perspectiva demanda uma revisão profunda e crítica dos modos como pesquisamos, ensinamos e aprendemos, implicando não apenas mudanças metodológicas, mas também éticas, epistemológicas e políticas. Não se trata apenas de incorporar os afetos como mais uma categoria de análise, mas de reposicionar todo o campo da Linguística Aplicada a partir de uma escuta atenta das vivências concretas dos sujeitos, especialmente daqueles historicamente silenciados ou marginalizados. Isso significa questionar as formas tradicionais de produção de conhecimento, que muitas vezes se apoiam em distanciamentos analíticos artificiais, em objetividades frias e na neutralidade como valor acadêmico.

Esse reposicionamento tem sido amparado por uma confluência de aportes teóricos que incluem a filosofia de Spinoza (1966), a psicologia sócio-histórica de Vygotsky (1998, 2017), a perspectiva da Clínica da Atividade de Clot (2006), os estudos sobre sofrimento ético-político de Sawaia (2006), bem como os desdobramentos recentes da Linguística Aplicada de resistência, indisciplinar e engajada. A importância de abordar os afetos como práticas sociais e políticas, que não apenas denunciam as violências, mas também anunciam mundos possíveis. Isso se evidencia nas diversas temáticas abordadas no volume: o ensino remoto na pandemia, a linguagem neutra, a inclusão escolar, as violências simbólicas contra corpos dissidentes, a escrita como prática catártica e os discursos da extrema-direita que mobilizam emoções para sustentar antagonismos. Em todos esses casos, os afetos não são apenas pano de fundo, mas elementos constitutivos das experiências descritas e analisadas.

As contribuições aqui reunidas, oriundas de diferentes instituições, contextos e vozes, compartilham o compromisso de pensar o afeto não apenas como emoção isolada, mas como força que organiza e dinamiza práticas sociais e discursivas. Nos relatos sobre experiências de *perezhivanie*, nas entrevistas com professores sobre sofrimento ético-político, nas narrativas de aprendizes sobre a aprendizagem de línguas, nas reflexões sobre o poder de agir docente, encontramos uma insistência radical: as emoções importam. E mais do que isso – elas são estruturantes da experiência humana.

Essa virada afetiva também nos convoca a uma escuta atenta do sofrimento ético-político (Sawaia, 2006), compreendido não como mera dor subjetiva, mas como expressão das contradições sociais vividas por sujeitos impedidos de exercer plenamente sua dignidade e seus direitos. Sawaia nos ensina que esse sofrimento, enraizado nas injustiças estruturais e nos processos de exclusão, não deve ser patologizado ou silenciado, mas sim acolhido como campo de análise e ação ético-política. É no reconhecimento das marcas que a desigualdade imprime na experiência sensível dos sujeitos que se abre a possibilidade de reconstrução de sentidos e de práticas.

Ao iluminar as fissuras entre o que é e o que poderia ser, o sofrimento ético-político carrega em si a semente da transformação. Ele aponta para a necessidade de ressignificar experiências de dor e humilhação em nome de projetos coletivos de bem viver e justiça. Nesse movimento, emerge o que Sawaia, com base em Spinoza (2008, [1677]) chama de *potência de agir* — uma força que se constrói na contradição entre o sofrimento e o desejo de superação, na aposta de que os sujeitos, mesmo feridos, são capazes de se levantar, construir vínculos solidários e inventar outras formas de existência.

Assim, os afetos, longe de serem apenas estados emocionais, tornam-se práticas sociais e políticas que tensionam as normas, denunciam as violências e anunciam mundos possíveis. A virada afetiva na Linguística Aplicada, ao incorporar esses aportes, reconhece que os sujeitos da linguagem não são apenas falantes ou aprendizes, mas também seres atravessados por histórias de dor e resistência, capazes de reelaborar seus *perezhivaniya* em práticas de agência transformadora.

A escolha de reunir trabalhos que partem de vivências concretas, experiências situadas e práticas de resistência coletiva é também uma tomada de posição. Em um cenário de recrudescimento de discursos autoritários, negacionistas e violentos, especialmente nos campos da educação, da linguagem e dos direitos humanos, falar de afetos é também fazer política. É desvelar os mecanismos que produzem sofrimento e exclusão, mas também abrir caminhos para outras formas de estar junto, de construir conhecimento e de resistir.

A virada afetiva na Linguística Aplicada, conforme delineada neste dossiê, revela-se como um movimento de dupla direção. De um lado, ela retira os afetos de uma visão restrita ao campo individual ou emocional, reconhecendo-os em sua complexidade histórica, social e discursiva. De outro, instaura uma transformação nos modos de conceber a pesquisa, o ensino e a

aprendizagem, exigindo práticas mais sensíveis às experiências humanas. Nesse contexto, a indisciplina que caracteriza a Linguística Aplicada deixa de ser meramente uma escolha metodológica e se afirma como uma postura ética e estética, que desafia e desestabiliza as hierarquias tradicionalmente estabelecidas entre saberes, campos do conhecimento e dimensões afetivas da existência.

A virada afetiva na Linguística Aplicada transcende o estatuto de mera inflexão teórica para se afirmar como um projeto ético-político radical. Em um cenário global de ascensão de neofascismos, epistemicídios e violências estruturais — onde a linguagem é simultaneamente arma de opressão e trincheira de resistência —, assumir os afetos como eixo analítico constitui um ato de insurgência epistemológica.

Compreendemos que os afetos não são meros epifenômenos subjetivos, mas forças materiais que ampliam ou reduzem a potência de agir coletiva. Reconhecemos no Como demonstram os artigos deste volume, seja na escrita catártica de narrativas pessoais (Barbosa & Santos), na raiva mobilizadora das mulheres negras (Wels & Esteves) ou nas práticas teatrais de transformação social (Melo & Tanzi Neto), os afetos operam como práticas discursivas corporificadas que desestabilizam ordens opressivas.

Esta coletânea não se limita a descrever fenômenos; ela os intervém. Ao trazer para o centro da análise a linguagem neutra como campo de disputa (Ribas), o bolsonarismo como máquina de afetos reativos (Roman) e a sala de aula inclusiva como espaço de micropolíticas afetivas (Clemente et al.), fazemos da LA um dispositivo de escuta das dores do presente — e de reinvenção de futuros possíveis. Aqui, a indisciplina metodológica (Clot) e a epistemologia vygotskiana da perezhivanie convergem em um mesmo imperativo: substituir a lógica da fragmentação por uma convergência de saberes onde corpo, emoção e linguagem se engendram.

Nossa aposta é clara: em tempos de desumanização sistemática, a virada afetiva se ergue como um antídoto político. Ela nos convoca a transformar a dor em insurgência, a vulnerabilidade em aliança e os afetos em utopias concretas — onde a linguagem, longe de ser instrumento de dominação, torna-se pele compartilhada (Bonfante), território de rebelião e prática cotidiana de liberdade.

Este volume, portanto, é uma celebração dos encontros possíveis entre linguagem, emoção e ação. É uma convocação para que as práticas pedagógicas e investigativas se abram à complexidade da vida afetiva dos sujeitos, reconhecendo que não há ensino, pesquisa ou

aprendizagem que não sejam atravessados pela dor, pelo desejo, pela esperança e pela transformação. Em cada artigo, reencontramos a potência dos afetos como motores da mudança e da criação de novas possibilidades de existência.

Agradecemos às autoras e autores por aceitarem esse convite coletivo de pensar os entrelaçamentos entre linguagem e emoção com rigor, sensibilidade e compromisso ético. Que este volume inspire novas reflexões, práticas e insurgências afetivas em nossos cotidianos acadêmicos e educativos.

## Referências

CLOT, Yves. Entrevista. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 9, n.2, p. 99-107, 2006.

SAWAIA, B. B. (2006). **Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito**. Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência, 85-94.

SPINOZA, B. ([1677] 2008). **Ética** (2a. ed.) (T. Tadeu, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Théorie des émotions**. Paris: l'Harmattan, 1998.

VYGOTSKI, Lev S. **Conscience, inconsciente, émotions**. Paris: La Dispute/Snédit, 2017.